

ROSA NEGRA: OS LIMITES DESSA TERRA

Núcleo Experimental Traços Fortes (Taubaté – SP)

Por Henrique Vertchenko

O espetáculo *Rosa Negra: os limites dessa terra*, do Núcleo Experimental Traços Fortes, de Taubaté, deu início à categoria Teatro na Escola na 19ª edição do FETO. O coletivo de oito artistas negros dá corpo a uma releitura da parábola bíblica do filho pródigo, recorrente nas artes, que versa sobre perdão, arrependimento e reconciliação. Em um espaço e tempo míticos, uma família tem suas raízes tradicionais abaladas pelo desejo dos filhos em romperem os limites daquela terra. Se para o pai esse espaço significa proteção e defesa, para os filhos, Manassés, Assur e Aíla, ele é um limite que não podem transpor, despertando curiosidade e desejo pelo mundo exterior. Há aí uma forte tensão entre dentro e fora, desejo e interdição. Assur é o caçula que, seduzido por uma peregrina branca, assume a viagem para a terra de lá, rompe os limites e depois volta arrependido, sendo readmitido no seio familiar após a tragédia da morte de Manassés por Moab, seu esposo.

A peça é uma adaptação de *O Filho Pródigo*, texto escrito por Lúcio Cardoso para o Teatro Experimental do Negro (TEN) e encenada em 1947. Trata-se da primeira obra de autor brasileiro encenada pelo grupo. Naquele momento, críticas contundentes como a de Décio de Almeida Prado, diziam que a realidade social do negro brasileiro era preterida pela alegoria bíblica. Não é o que ocorre na montagem *Rosa Negra*. Ao revisitar o texto dos anos 1940, o grupo de Taubaté nos proporciona interessante reflexão sobre as continuidades e rupturas no teatro negro no Brasil ao longo dessas décadas, e também sobre a própria transformação das lutas políticas e sociais. Exemplo disso é a subversão de um casal hétero presente no texto de Lúcio Cardoso, formado por Moab e Manassés, para um casal homo que aparece de maneira naturalizada naquela comunidade mítica, retirando o peso bíblico da mulher que, assassinando o marido e fugindo de sua comunidade, é fonte do pecado e da desagregação. Isso gera um interessante estranhamento no espectador, já que embaralha nossa expectativa relacionada a práticas que corriqueira e infelizmente geram intolerância.

Para além desse exemplo, a maior força articuladora entre o texto antigo e as lutas contemporâneas encontra-se, sobretudo, nos cantos e sua clareza discursiva entremeando a fábula, capazes de dar novos significados àquela comunidade, e fazendo o acento da parábola recair não em seus temas corriqueiros, como o perdão e a reconciliação, mas na luta negra por representação, identidade e pertencimento. Em meio a um cenário que se forma por uma passarela de papel e de elementos como terra negra, areia branca e vasos de barro (alguns quebrados), o grupo, com uma vocalidade potente, evoca cantos que versam sobre a pele (“suja/ do crime/ feia/ não está na TV/ cata lixo/ não se despediu da ditadura/ sangra/ resiste”), sobre a liberdade e o fim do cativo, sobre de quem é esta terra (“de quem foi colonizado/ de quem passou e ainda passa fome/ de quem vai de graça pro presídio/ que ninguém conhece, mas vai conhecer nem que seja goela abaixo”). O canto se apresenta assim, segundo o próprio espetáculo, como cura, para não chorar, pra dor acabar.

Esses procedimentos potencializam as relações entre o fora e o dentro daquela terra, segundo a sinopse, uma terra excluída, periférica, que grita por socorro, que leva tiros por "engano". Se o desejo pelo mundo exterior se apresenta, em determinado momento, legítimo pela necessidade de se (re)conhecer (n) o outro, ele também se revela perigoso, especialmente quando Aíla, a filha, conta que foi até a cerca que limita as terras, entrou em uma carroça branca e sofreu um abuso, enquanto diziam que “gente como a gente só pode ultrapassar os limites se brincar desse jeito”.

Entretanto, a síntese desse dilema é apresentada no retorno de Assur, o filho pródigo arrependido, dizendo que havia então entendido que “a terra que tanto reneguei é a que aquece meu coração”, reforçando a necessidade de comunidade.

Dessa maneira, o espetáculo, uma parábola clássica ressignificada, vai de encontro à proposta do grupo descrita em sua página: um “Coletivo artístico com objetivo de dar espaços aos artistas negros do Vale do Paraíba, encontrando meios de operar dentro de um sociedade racista”. Isso é feito por um elenco entregue e consciente de sua proposta, apesar de alguns excessos de arroubos físicos que buscam a tragicidade e que podem ser depurados visando, com o tempo, um aprimoramento da linguagem.

Merece destaque, ainda, um acontecimento próprio da apresentação no Teatro Raul Belém Machado neste dia 27 de outubro de 2019. Em meio a uma forte chuva, a luz acabou, deixando a peça completamente no escuro. O elenco prosseguiu a peça e em segundos a plateia começou a iluminar a cena com as lanternas de seus celulares. Mesmo com a iluminação prejudicada e a dificuldade para se ouvir pelo barulho no telhado, o espetáculo prosseguiu até o fim, marcado pelo desejo do coletivo e da plateia do Festival em compartilhar aquele momento, aquela história, essas lutas.